

A 'celtomania', mais umha vez?

Celtica negata, negatur orbis (Jacques Le Brigant)

Por **Fernando Pereira**

Investigador especializado na história do celtismo galego

Nom há dúvida de que o celtismo é umha das obsessões da sociedade galega contemporânea, já que desde há mais de cem anos a questom dos celtas aparece umha e outra vez na maior parte das formulações que se venhem a realizar acerca da história e da identidade da Galiza. De facto, nos dias de hoje o celtismo galego está mais presente do que nunca, tanto nas investigaões académicas como em diversos ámbitos extra-académicos, e mui nomeadamente em internet. Porém, apesar desta ubiqüidade da questom céltica, o certo é que nom existe um acordo generalizado na hora de avaliar o lugar que ocupam os celtas no nosso passado, nem tampouco quando se trata de determinar o legado que os celtas pudérom transmitir à Galiza atual. Se bem de jeito unânime admite-se que gentes de fala céltica habitavam no âmbito galaico quando os romanos chegárom ao noroeste peninsular –facto sobejamente demonstrado pola onomástica antiga-, contodo, as interpretaões acerca desse elemento céltico som muito divergentes: se alguns pretendem minimizá-lo, outros pola contra outorgam umha grande importância à celticidade da Galiza antiga e mesmo da atual.



Fernando Pereira

Nesta minha contribuiçom ao debate do celtismo galego nom pretendo passar revista a todas as teorias e opiniões que podemos encontrar expressadas atualmente sobre o tema. Em troca cingirei as minhas observaões a umha manifestaçom particular do celtismo: aquela que se baseia nos pressupostos da denominada **Teoria da Continuidade Paleolítica** (doravante **TCP**). As razons que me levam a centrar-me nesta manifestaçom som a sua popularidade cada vez mais evidente entre os partidários do nosso celtismo, assim como os paralelismos dixeráveis entre algumas das suas formulações e certos traços que caracterizárom passadas teorizaões em verbo dos celtas.

Como é bem sabido, a **TCP** mantém que a origem dos povos indo-europeus deve procurar-se nos grupos de *Homo sapiens sapiens* que povoárom o continente europeu procedentes de África durante o Paleolítico Superior; assim mesmo sustém que a diversidade das línguas indo-europeias começou a ser umha realidade a finais desse período e durante a época seguinte, o Mesolítico. No que atinge à questom céltica, os valedores da **TCP** afirmam que já no período de transiçom do Paleolítico Superior ao Mesolítico havia gentes falantes de umha língua celta ou proto-celta, e que esta apareceu primeiramente nas regions do ocidente atlântico: nas partes mais ocidentais do território francês, em Gram Bretanha e Irlanda, e no noroeste da península ibérica. Disto deduz-se a conclusom de que a Galiza atual forma parte da área originariamente céltica, quer dizer, que o nosso país é um dos "berços" originais onde "nascêrom" os celtas e a partir dos quais se espalhárom para habitarem noutras terras, o que supom aliás defender para a Galiza umha continuidade povoacional, lingüística e cultural desde o Mesolítico até a chegada dos romanos (e mesmo posterior). A **TCP** pretende demonstrar essas afirmações mediante um conjunto de provas e de argumentos nos que se combinam

genética, lingüística, arqueologia e etnografia. Dado que eu nom som genetista, nem lingüista, nem arqueólogo, nem tampouco antropólogo, nom tenho capacidade nem autoridade para julgar a **TCP**, nem o celtismo que deriva dela, desde os métodos e as teorias próprias dessas disciplinas. O meu campo particular de investigação é a história do celtismo e é por este motivo que nas linhas que seguem limitarei-me a fazer algumas observaços sobre o celtismo apoiado na **TCP**, e sobre certas opinions expressadas polos seus valedores, desde a ótica da história da historiografia do nosso celtismo.

A defesa do celtismo: debate científico ou confrontaçom ideológica?

Antes de mais, cumpre começar fazendo umha aclaraçom necessária: a **Teoria da Continuidade Paleolítica** é só umha hipótese explicativa que ainda necessita demonstrar a veracidade, ou polo menos a plausibilidade, dos seus pressupostos principais. Neste sentido, a **TCP** é umha entre outras teorias científicas que pretendem dar conta da origem dos celtas ou das línguas indo-europeias, e nem sequer é umha hipótese que conte com um apoio maioritário dentro do mundo académico. O facto é que os dados e os testemunhos em que se apoia a **TCP** -genéticos, lingüísticos ou arqueológicos- som interpretados de maneiras muito diferentes por outros investigadores. Digo todo isto para deixar claro que a **TCP** e as teses celtistas que dela derivam, nom som nem verdades científicas incontestáveis, nem dogmas de fé indiscutíveis, tal como semelham considerá-las alguns dos seus valedores na Galiza, que atuam como se estivessem a defenderem umha Verdade Absoluta que só ela pode explicar o passado e o presente do País. Curiosamente, a maioria desses afervorados defensores da **TCP** nom som cientistas profissionais, nem contam com umha preparaçom ajeitada nos eidos da genética, da lingüística ou da arqueologia, com o qual a sua autoridade científica fica seriamente questionada. Porém, mesmo assim, eles nom duvidam na hora de rejeitar o resto das explicaços alternativas, às vezes mesmo desqualificando os seus oponentes com termos que vam além do estritamente académico para entrarem no campo da confrontaçom ideológica, sobretudo invocando o tópico reducionista que vincula o celtismo com o nacionalismo galego/galeguismo e que alcunha de "espanholistas" as opinions e as pessoas críticas com o celtismo.

Contodo, o que nos di a história do celtismo é que os usos sociais deste som múltiplos e que pode ser empregado em sentidos muito diferentes numha mesma época e num mesmo lugar. Tendo isto em conta, resulta evidente que se queremos entender o complexo devir do celtismo galego e os usos sociais do mesmo, devemos começar por sabermos diferenciar entre as opinions que cada autor tenha acerca do lugar que ocupam os celtas na história da Galiza, e as coordenadas ideológicas e de identidade nacional nas que esse autor se mova. Por isso nom deve surpreender-nos que na atualidade nom funcione essa relaçom simplista entre celtismo/galeguismo e anti-celtismo/espanholismo. Por exemplo, Francisco Calo, um dos mais conhecidos críticos das posiços celtistas, nom agacha a sua militância no nacionalismo galego, e nem sequer as distintas opçons deste tenhem umha postura que podamos considerar "oficial" com respeito ao tema céltico. Por outra banda, a celticidade galaica conta com a bençom de dous autores espanhóis, Ramón Sainero e Martín Almagro-Gorbea, que mesmo participárom em Congressos de Estudos Celtas celebrados no País e que noutras occasions tenhem expressado formulaços celtistas de orientaçom claramente espanholista. Com isto quero dizer que desde umha perspetiva espanhola é perfeitamente possível afirmar a celticidade da Galiza. Já que, o celtismo nom é incompatível com o espanholismo, nem um antídoto contra ele.

Na minha opinião, essa insistência nas supostas implicações ideológicas que subjazem nas diferentes valorações do elemento céltico galego, responde na realidade a uma estratégia discursiva com a que os valedores de uma certa concepção do celtismo pretendem reforçar a legitimidade e a autoridade das suas teses diante de um determinado setor do público ao que se supõe uma simpatia pela causa galeguista. Daí que aquelas pessoas críticas com as suas teses sejam alcunhadas de "espanholistas", ou que se duvide da autenticidade das convicções nacionalistas/galeguistas desses críticos. Ao dizer isto não pretendo negar a componente ideológica tantas vezes implícita na prática científica, mas unicamente advertir do simplista e erróneo que é pretender atribuir duas posturas ideológicas claramente marcadas a quem se mostrar favorável ou crítico com o celtismo. Também é verdade que os valedores da **TCP** não são os únicos em defenderem o celtismo empregando argumentos semelhantes. Mas sim é certo que essa é uma estratégia seguida pela maioria das vozes que hoje na Galiza saem na defesa de um celtismo "continuista". O resultado é o fabrico e reprodução de uma imagem distorcida do devir e da atualidade do nosso celtismo, eiva que se poderia evitar mediante o conhecimento acaído de uma realidade bastante mais complexa do que se pretende fazer-nos crer.

Celtismo e "celtomania"

Dentro da história do celtismo europeu destaca a existência de uma manifestação particular do mesmo denominada (pelos seus críticos) de "celtomania", presente em diversos períodos e contextos. A "celtomania" supõe um sobredimensionamento e uma idealização do elemento céltico, que se passa a considerar como o núcleo central e determinante da história e da identidade de certas nações europeias, ou mesmo de toda a Europa. A origem da "celtomania" está na França do século XVI, quando vários autores assinalaram os antigos gauleses celtas em qualidade de devanceiros dos franceses. Desenvolveu-se especialmente durante o XVIII, nomeadamente na pena de eruditos bretons (Pezron, La Tour d'Auvergne, Le Brigant). Aliás, continuou a existir em diversos países durante os séculos XIX e XX à margem do celtismo académico. Em linhas gerais, as teorias dos "celtómanos" defendem a antiguidade dos celtas, às vezes concebendo-os como os primeiros habitantes da Europa; idealizam a sua cultura, mostrando-a como uma civilização muito avançada que influenciou outras bem conhecidas (Grécia e Roma); apresentam os celtas conquistando outras terras; consideram vestígios célticos os monumentos megalíticos e outros restos arqueológicos; vêm uma herança céltica em múltiplos costumes e crenças populares; e, em alguns casos, pretendem converter a língua dos celtas em "mãe" de outras falas europeias, mesmo no idioma original da humanidade. Há que dizer que a consolidação dos Estudos Célticos no âmbito académico desde o século XIX teve por consequência que a "celtomania" ficara nas margens do mesmo, praticamente limitada a algumas concepções populares dos celtas.

Definida assim a "celtomania", resulta curioso observar que algumas das ideias defendidas pelos valedores do celtismo galego por meio da **TCP** guardam uma surpreendente semelhança com certos pressupostos básicos dos "celtómanos". Assim, a suposição dos primeiros da autoctonia dos celtas na Europa atlântica, descendentes dos primeiros *Homo sapiens sapiens* que povoaram esses territórios, soa como uma atualização da opinião dos segundos que fazia dos celtas os habitantes originais da Europa. Ainda mais, a reivindicação da Galiza como o berço dos celtas topamo-la nos escritos de dois celtistas galegos do XIX onde se vêm claras as pegadas da "celtomania": José Vereia Aguiar e Benito Vicetto. Também coincidem valedores da

TCP e "celtómanos" em falarem no espalhamento dos celtas desde o seu berço original -neste caso o noroeste galaico- para outras terras, outra das opiniões mantidas por Vereia e por Vicetto. Igualmente, a **TCP** permite assegurar que todo o registo arqueológico galego, desde o Mesolítico até a época romana, pertence aos celtas, umha ideia coincidente com a teima da "celtomania" por atribuir aos celtas vestígios materiais de épocas e de características mui diferentes (desde úteis líticos até igrejas medievais), e que na historiografia galega se manifesta especialmente na insistência por relacionar os monumentos megalíticos com os celtas. Também há coincidência entre uns e outros na hora de atribuírem origem céltica a muitos dos costumes populares, algo que se dá por certo pola transmissom ininterrompida de um legado celta através das geraçons. Por último, se bem os partidários da **TCP** nom chegam aos extremos daqueles "celtómanos" que sustentárom que o francês ou o português eram línguas célticas, e non latinas, sim que tendem a dar umha importância cada vez maior ao substrato celta presente na língua da Galiza.

Obviamente, com o dito nom pretendo afirmar que a **TCP** se inspire nas velhas teorias dos "celtómanos" ou que seja umha reatualizaçom das mesmas, nem quero insinuar que seja umha hipótese acientífica. Porém, as coincidências som consideráveis. A que se podem dever? Na minha opiniom, a causa desses paralelismos está no caráter generalizador, simplificador e reducionista da "celtomania" e do celtismo apoiado na **TCP**. Umha e outro pretendem reduzir a complexidade do processo histórico de etnogénese de determinados povos a quase um único elemento, o céltico, considerado este o mais importante e determinante. Assim, os celtistas "continuístas" compartilham com os "celtómanos" umha obsessom polos celtas. Querem reduzir a pré-história galega ao único protagonismo destes, permanentemente presentes no Mesolítico, no Neolítico, nas épocas do bronze e do ferro, no mundo castrejo, etc... da mesma maneira que nas formulaçons dos celtistas decimonónicos os celtas galaicos passavam de viverem em covas e utilizarem armas de pedra, a habitarem nos castros e fabricarem úteis de metal. Também achamos a mesma obsessom por descobrir celtas quando se trata do presente. Nesse caso os esforços centram-se em determinar o herdo céltico dextergável em tradiçons, na língua, ou bem no caráter galego, para deduzir depois daí que a Galiza é umha naçom celta, esquecendo-se interessadamente outros legados e influências culturais que som muito mais evidentes na história do País. Por isso só desde umha perspetiva que prime sobredimensionar o fator céltico dentro da etnogénese galega é compreensível que, na hora de definir a nossa identidade, se considere mais relevante um topónimo celta proto-histórico ou umha palavra de etimologia celta, que a língua galega derivada do latim que hoje falamos; ou que se dê mais importância histórica a um esvaído testemunho de paganismo céltico conservado numha tradiçom popular, por cima do cristianismo que tem condicionado o pensar e o atuar das gentes galegas desde a Idade Media.

O essencialismo da Teoria da Continuidade Paleolítica

Durante muito tempo o celtismo galego tivo umha forte componente essencialista. Nom só se pensava que a populaçom galega atual era descendente direta dos celtas do passado, mas que também se dizia que aquela conservava os mesmos traços caracterizadores destes. Esta crença necessariamente esteava-se na suposiçom de todas as gentes celtas da Antigüidade compartirem idênticos traços definitórios -físicos, psicológicos, culturais-, e de que esses traços se transmitiam aos seus descendentes. Às vezes a continuidade essencialista concebeu-se em termos raciais (e racistas), falando-se na existência de umha raça celta galega bem caracterizada física e psicologicamente;

porém, noutras ocasiões invocava-se a existência de um *Volksgeist* céltico sem o relacionar com um grupo racial caracterizado biologicamente. Mas, em qualquer caso, do que se tratava era de estabelecer um vínculo genealógico entre os celtas do passado e os galegos do presente e do futuro. De certeza que estas ideias não foram exclusivas do celtismo galego. Inseriam-se dentro do paradigma racial que era próprio das concepções antropológicas e históricas decimonónicas. No caso concreto do celtismo, esse paradigma manifestava-se na equação raça celta/língua/cultura, com a qual se criava uma representação homogênea e atemporal dos povos celtas.

O paradigma racial entrou em desuso após a II Guerra Mundial a consequência das atrocidades da Alemanha nazi levadas a cabo em nome da pureza racialária. Também nas últimas décadas, a História e a Antropologia têm reagido contra os pressupostos essencialistas, destacando em troca a natureza mutante e, em parte subjetiva, das identidades étnicas, assim como a importância dos processos históricos de etnogénese. Mesmo no eido dos estudos celtas, as investigações recentes apontam à artificialidade do suposto carácter céltico e costumam destacar que a celticidade é um fenómeno estritamente linguístico, não biológico, ao mesmo tempo que evidenciam a diversidade cultural das gentes de falas célticas da proto-história europeia. Portanto, a ciência atual está muito longe das formulações essencialistas que outrora serviram para caracterizar os celtas, ainda que aquelas continuem presentes muitas vezes no imaginário popular.

Tendo em conta o devandito, semelha um paradoxo que a **TCP** abra de novo a porta à introdução de um fator essencialista na concepção dos celtas, se bem faz isto de jeito implícito e não expressamente. Esse fator essencialista vem dado pela inserção de provas genéticas na sua argumentação, tentando demonstrar com isso que a continuidade genética da população da fachada atlântica europeia desde o Paleolítico final também se corresponde com uma continuidade linguística. Desta maneira, afirma-se que as línguas célticas, e os traços culturais associados a elas, foram criadas por gentes possuidoras de uma composição genética determinada, e que essas línguas e traços culturais se transmitiram a outros lugares fora do núcleo céltico inicial mediante a migração das mesmas gentes a outras terras. Temos aqui uma combinação de elementos biológicos, linguísticos e culturais que, em parte, reflete a velha equação raça/língua/cultura. Ainda mais, como se supõe que essa particular composição genética tem variado pouco, já que se pode demonstrar o nosso parentesco com as povoações do Paleolítico final, daí é que se pode deduzir que os celtas continuam a existirem, literalmente, posto que a população galega -ou a bretã ou a irlandesa- conservam basicamente os mesmos genes que os primeiros celtas da Europa atlântica. Já que, a celticidade galega viria demonstrada não apenas pelas sobrevivências linguísticas ou etnográficas, mas também pelo próprio ADN. Eis um claro argumento reforçador da nossa celticidade nacional, a qual seguiria a ser certa apesar das grandes modificações históricas experimentadas pelo País: por cima das mudanças linguísticas e culturais, e por cima das transformações sócio-económicas, o povo galego continuaria a conservar os mesmos genes dos seus devanceiros, os celtas originais.

É verdade que as teses "continuístas" não falam em raça, nem em continuidade de um *Volksgeist* céltico. Mas sim que criam uma continuidade entre o passado e o presente baseada num fator biológico, que serve de base a outras de natureza linguístico-cultural. Além do mais, dá azos a todos aqueles que estão dispostos a deduzirem a celticidade da Galiza atual a partir da constatação da presença de gentes de fala celta no espaço galaico em tempos pré-históricos. Precisamente, a defesa da identidade céltica da Galiza histórica -possuidora de uma língua derivada do latim,

com jeitos de vida marcados pelas grandes transformações sócio-económicas experimentadas durante o período romano e a época medieval, e com umha cultura tam condicionada polo cristianismo-, ou da Galiza atual, só se pode fazer partindo da crença na existência de umha essência céltica imorrente que resiste e transcende a todas essas mudanças e que continua presente em todos e todas nós.

Para rematar, quero insistir no facto de que a história das nações nom é algo unidimensional. Ao contrário, os processos de etnogénese som complexos e neles intervem múltiplas achegas e influências. Da mesma maneira, a criação das modernas identidades étnicas as mais das vezes é resultado de elaborações imaginativas feitas a partir de certas realidades objetivas. No caso da Galiza é certo que a "celtofilia" foi um sentimento que contribuiu a forjar a nossa identidade diferenciada como nação. Porém, por muito satisfatório que poda ser esse sentimento a um nível identitário, acho que nom devemos permitir que umha "celtofilia" exagerada nos leve a sobrevalorar o fator celta por cima de outros de maior relevância, nem que no seu nome o passado galego se queira converter numha espécie de *Senhor dos Anéis* céltico protagonizado por guerreiros e druidas. A nossa história é mais complexa, e mais séria, do que isso.